



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

CLARICE DA SILVA FICAGNA

**MAIS DE UM SÉCULO ENTRE INGLÊS DE SOUSA E EDYR AUGUSTO:
VIOLÊNCIA NA LITERATURA SOBRE A VIDA AMAZÔNICA.**

PLACAS-PA
2019

CLARICE DA SILVA FICAGNA

**MAIS DE UM SÉCULO ENTRE INGLÊS DE SOUSA E EDYR AUGUSTO:
VIOLÊNCIA NA LITERATURA SOBRE A VIDA AMAZÔNICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Etnodiversidade, Curso de Educação do Campo como requisito para obtenção de grau do Curso de Educação do Campo, da Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira. Orientador Prof. Doutor Paulo Roberto Vieira.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo
com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F444m Ficagna, Clarice da Silva

Mais de um século entre Inglês de Sousa e Edyr Augusto :Violência
na literatura sobre a vida amazônica / Clarice da Silva Ficagna. — 2019.
XV, 15 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Paulo Roberto Vieira
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de
Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal
do Pará, Altamira, 2019.

1. Violência . 2. Amazônia . 3. Edyr Augusto. 4. Inglês de Sousa .
I. Título.

CDD 809.034

Mais de um século entre Inglês de Sousa e Edyr Augusto: violência na literatura sobre a vida amazônica

RESUMO

O conto *A quadrilha de Jacó Patacho*, de Inglês de Sousa, se constitui em uma história que se passa na época da cabanagem, na qual piratas atormentavam a vida de moradores a beira dos rios na região amazônica. De outro lado, o romance *Pssica*, do também paraense Edyr Augusto, conta a história de ricos e influentes ladrões e assassinos, passando pelo mundo das drogas, roubos e prostituição, rapto e escravidão de mulheres. Nesta comparação, analisando justamente a violência nas obras, nota-se que, apesar de afastadas por mais de um século, a escrita do primeiro livro pertence ao final do século XIX a do segundo ao começo do XXI, o assunto ainda é uma recorrente realidade na vida desses povos da Amazônia. As obras escolhidas para análise possuem ainda, enormes diferenças em termos de estilo e escola literária. Embora haja, talvez, uma convergência na intenção dos autores, que nas obras desnudam uma perspectiva de denúncia da miserável condição humana nesses rincões onde, a séculos, a lei é ditada e exercida por foras da lei.

Palavras chave: Violência, Amazônia, Edyr Augusto, Inglês de Sousa.

1 LITERATURA E REALIDADE, A VIOLÊNCIA NA AMAZÔNIA DE INGLÊS DE SOUSA À EDYR AUGUSTO

A região Amazônica está localizada em nove países diferentes, sendo o principal deles o Brasil, no qual estão localizadas cerca de 60% dessa área. Fazem parte da Amazônia legal denominada pelo governo brasileiro, os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e parte do Estado do Maranhão. A região amazônica é considerada uma das mais extraordinárias e com a maior biodiversidade do país possuindo uma fauna e flora espetaculares, com milhares de espécies já catalogadas, e a certeza que muitas outras ainda são desconhecidas por nós.

O segundo maior rio em extensão territorial do planeta está situado nessa região, com sua nascente localizada no Peru, enquanto deságua no Oceano Atlântico. Esse rio possui três nomes, sendo o primeiro recebido no país de sua nascente, como Rio Marañón, já quando entra em terras brasileiras recebe o nome de Rio Solimões e ao receber as águas do Rio Negro, passa a ser chamado de Rio Amazonas.

Apesar de todas as maravilhas conhecidas por nós, também é possível encontrar uma escassez de políticas públicas, o que pode ser apontado como uma das principais causas do alto índice de pobreza e violência, incluindo até mesmo o tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para a vida de prostituição, deixando assim o povo desses estados tão ricos em seus territórios à mercê de um sistema capitalista nocivo para esses moradores, com ausência do estado. Vejamos o que diz Fiorelo Picoli.

A violência na Amazônia não foi inaugurada pelo capitalismo, mas com este se torna institucionalizada e mais feroz, adquirindo outro grau, outra qualidade, a de violência sem rostos, legalizada, fortalecida por leis de incentivos fiscais à exploração e abertura, protagonizada pelos braços das grandes corporações internacionais que através da exploração mineral, extrativista vegetal, através da pecuária, através da agricultura industrial alcança os mais remotos rincões, tendo como parceiros um estado (em suas diversas esferas), permeado por interesses privatistas nacionais e internacionais (PICOLI, 2012, p. 10).

Assim, o tempo passa, mas quase nada muda na Amazônia, quanto ao descaso do poder público com a questão social; as mazelas sociais a que a população é submetida hoje não diferem muito do que acontecia há décadas, ou mesmo há um século. Nesse sentido, coube à literatura retatar em histórias contadas, de geração em geração, e também em contos e romances de grandes escritores do passado e do presente. De tal modo, a vida desses moradores, dessas vítimas da sociedade, e dos bárbaros que se dizem donos de tudo, estão retratadas na literatura paraense, que tem como paisagem de fundo as florestas e rios amazônicos, que, apesar de todas as suas belezas, também possui grandes tragédias e cenários sociais horrorosos.

Apesar de alguns escritores serem reconhecidos por suas obras, a literatura paraense ainda tem um grande caminho a percorrer em termos de notoriedade, a vida e a literatura da região amazônica ainda são subestimadas por muitos no Brasil e no mundo, como afirma Ana Claudia Dias Ribeiro:

A literatura produzida na Amazônia costuma ser vista com certo receio e dificilmente autores amazônicos figuram entre os renomes nacionais. Por tras disso, talvez estejam os interesses econômicos divergentes: de um lado os que querem explorar os recursos naturais e receber em lucros; do outro, ambientalistas e defensores dos povos tradicionais. (RIBEIRO, 2017, p.64)

A violência praticada por piratas¹ é um tema frequentemente abordado nos jornais impressos e televisivos no norte do Brasil e pela própria população paraense ribeirinha, e outros povos da região, ou visitantes, que fazem longas viagens de barco, especialmente ao longo do curso do gigantesco rio Amazonas.

O conto do paraense naturalista Inglês de Souza, *A quadrilha de Jacó Patacho*, conta a história dos famosos piratas do rio, que atormentavam a vida dos moradores de um lugar nos confins amazônicos. Bandidos violentos que passavam de sítio em sítio à beira dos rios roubando e matando os moradores locais das formas mais cruéis.

O livro *Contos Amazônicos*, onde saiu publicado o conto *A quadrilha de Jacó Patacho*, teve sua primeira edição no ano de 1892 quando a escola literária no Brasil era o naturalismo, movimento artístico e cultural surgido em meados do século XIX na França. A escrita de Herculano Marcos Inglês de Sousa, ou simplesmente Inglês de Sousa, se encaixava perfeitamente nesse movimento.

Como se sabe, Inglês de Sousa foi o primeiro brasileiro a trabalhar o naturalismo, entretanto suas obras não ganharam notoriedade à época. As principais características de sua obra versam sobre a vida do homem amazônico, conjugando no texto, pela primeira vez, as paisagens e os exotismos da hileia.

A quadrilha de Jacó Patacho se passa em um lugar onde a lei dos homens não chega; no conto, como na vida real amazônica, as quadrilhas das águas ditam as regras do lugar. O conto é uma clara expressão artística do naturalismo, pois foca em temas chocantes e na vida cotidiana de pessoas simples das classes consideradas, pelos poderosos, como inferiores.

¹Os piratas em muitas histórias são retratados como homens fortes, com um tapa olho e uma perna de pau e muitas vezes com um papagaio falante em seu ombro, infelizmente esses piratas não são em nada parecidos com esse retrato que nos fora pintado e sim com bárbaros ladrões sem escrúpulos que roubam e matam a seu belprazer.

O conto se passa na época em que o movimento da cabanagem, em meados do século XIX, grande marco da história paraense, estava em alta na região amazônica, os piratas do rio assolavam a vida dos sítios ribeirinhos saqueando e matando seus moradores.

Em outra frente, atualíssima, no romance *Pssica*, publicado pela primeira vez em 2015, o autor, também paraense, Edyr Augusto, conta a história de ricos e, por isso, poderosos ladrões e assassinos que muitas vezes conseguem sair impunes; drogas, roubos e prostituição regem este romance, contando a sina de diversas moças das cidades ao longo do rio Amazonas, no Pará, de onde acabam sendo raptadas, vendidas e obrigadas a se prostituir. Passando pelo mundo das drogas e pelas mãos dessa quadrilha, assim como antigamente, mas nesse romance aparecem políticos, e outros poderosos, envolvidos nas violências e tráfico de mulheres e, assim, acabam sendo os foras da lei que comandam a “lei” na região, onde também impera a violência de piratas contemporâneos. Em suma, em certo sentido, os mesmos piratas desde antes de Inglês de Sousa.

Traficantes, prefeitos, vereadores, todos atuando juntos, mas não em defesa da população, e sim visando corrupção e seus próprios vícios e crimes sexuais. *Pssica* retrata a realidade de muitas mulheres e meninas que moram na região amazônica, crianças tiradas de seu mundo e postas à mercê de criminosos como escravas sexuais, prostitutas e usuárias de drogas para satisfazer os homens que deveriam defendê-las.

Nesse sentido, o objetivo desse artigo é refletir como o tema da violência na Amazônia foi retratado no conto *A Quadrilha de Jacó Patacho* de Inglês de Souza e no romance *Pssica* de Edyr Augusto, malgrado as diferenças de épocas, escolas literárias e estilos, estabelecendo algumas aproximações entre essas duas obras importantes e pouco conhecidas na Amazônia.

2 COMO REFLETIMOS A QUADRILHA E A PSSICA?

Após leitura e releitura das obras dos dois autores aqui trabalhados, e aprofundamento dos conteúdos relacionados sobre o objeto de pesquisa publicados anteriormente, buscamos ainda o levantamento de textos críticos sobre as obras dos dois autores, menos paravislumbrar como cada autor usa a escrita e se expressa através de seus temas no contexto das escolas literárias do que para pensar o contexto histórico em que elas foram escritas e a influência que esse contexto teve em relação às obras.

Tendo em vista, a questão das realidades sociais no dito “mundo real” e a “invenção”, Alfredo Bosi afirma que “Por mais que um romancista inclua fatos que ele pode atestar, no caso do romance histórico ou do romance realista do século passado, nós sabemos que aqueles fatos estão sendo trabalhados por uma corrente subjetiva, filtrados, transformados” (BOSI, 2013, p. 224).

Notamos, entretanto, que há nuances e aproximações da realidade levadas ao extremo na prosa, especialmente entre autores contemporâneos como Edyr Augusto, que é um jornalista muito afeito a transpor para a ficção notícias apropriadas de jornais cotidianos. Portanto, no caso das duas obras aqui analisadas, essa distinção entre ficção e vida real se alimenta de tracos específicos que distinguem a literatura e a notícia propriamente dita.

Finalmente, este estudo é um trabalho comparativo onde optamos por, primeiramente, tecer algumas considerações sobre o conto de Inglês de Sousa e, num tópico em seguida, abordar a obra de Edyr Augusto, para na sequência buscarmos algumas aproximações entre as obras.

3 SOBRE VIOLÊNCIA NA LITERATURA E NA AMAZÔNIA: LENDO DUAS OBRAS E DOIS TEMPOS.

a. Considerações sobre o conto *A quadrilha de Jacó Patacho*

Lançado no ano de 1892 o livro *Contos Amazônicos* reúne nove contos que retratam histórias e acontecimentos da Amazônia. Um desses acontecimentos se dá no conto *A Quadrilha de Jacó Patacho*, que se passa à época da cabanagem. Algo tão corriqueiro na vida de uma família ribeirinha, o dia acabando e a aproximação de chuva ao entardecer. Alguns ribeirinhos que estavam subindo o rio de barco estavam agora parando no sítio para pedir abrigo, mas na realidade não é apenas isso que está acontecendo, e sim, o começo do fim do sossego familiar e também de suas vidas.

Na época da cabanagem ou mesmo antes, e até mesmo nos dias de hoje, muitas quadrilhas que atacam nas águas dos rios do Amazonas utilizam dos artifícios que os integrantes da quadrilha usaram para se aproximar e conduzir suas vítimas ao fim. Usando da hospitalidade do povo ribeirinho para cometer as mais bárbaras atrocidades, a família que lhes acolhe é brutalmente atacada e morta. As mulheres da casa são levadas pelos piratas, e a elas a crueldade é ainda maior. Vejamos como Denise Simões Rodrigues sintetiza em sua análise o ambiente em que se desenrola o conto *A Quadrilha de Jacó Patacho*:

Eram 7 horas dadas, a noite estava escura, e o céu ameaçava chuva”. A frase inicial do conto prepara a tensão que se instalará com a invasão dos bandidos com os elementos naturais tão comuns na Amazônia: escuridão, a mata densa e chuva. A tranquilidade será quebrada pelos invasores e quem os anuncia é o ruído surdo dos remos nas águas calmas do rio Tapajós. A ação dos cabanos, disfarçados de ribeirinhos comuns a pedir agasalho diante do mau tempo, interrompe a ordem, a calma e o sossego da família. (RODRIGUES, 2013, p. 253)

Hoje, passada a cabanagem, nota-se que a violência das quadrilhas que atacam nos rios da região Amazonas continua a mesma ou ainda pior, o tempo que separa a escrita do livro *Contos Amazônicos* dos dias que estamos vivendo hoje é de mais de cem anos, e mesmo assim não mudou a forma como as quadrilhas agem. Além do mais, vale ressaltar que o movimento da Cabanagem, ao contrário do que os contos de Inglês possam sugerir, foi um movimento revolucionário em defesa do povo amazônico. A Cabanagem foi uma revolta popular, ocorrida entre os anos de 1835 e 1840, na província do Grão-Pará (atual estado do Pará).

O movimento recebeu esse nome porque grande parte dos revoltosos era formada por pessoas pobres que moravam em cabanas nas beiras dos rios da região, mestiços e indígenas,

em sua maioria. Logo, foi uma revolta do povo contra o governo regencial da época e visava a independência do Grão-Pará. Ao fim da revolta, derrotados pelo governo, aos insurgentes coube, em geral, a morte e a pecha de “Cabano”. Uma deturpação, portanto, do sentido original que, de rebelde, revolucionário, passou a sinônimo de assassino, ladrão, bandido, vadio. Inglês de Sousa não corrobora, necessariamente, essa deturpação ao usar o termo dessa forma. Faz, na verdade, uma aproximação da realidade cotidiana, quer dizer, trata a questão como o próprio povo – em sua grande maioria desde sempre sob influência dos vencedores e não dos vencidos – trataria.

b. Um olhar sobre o romance *Pssica*

A obra *Pssica* de Edyr Augusto é considerada por alguns críticos como um dos melhores romances brasileiros do gênero policial:

Apenas a primeira frase (“Era para ser um dia normal, de aula”) pulsa naturalmente – as demais, até a última, entram em um ritmo enlouquecedor, transformando o romance policial *Pssica* (Boitempo) em um dos melhores do gênero já lançados no Brasil. A escrita telegráfica, frenética, criada pelo paraense Edyr Augusto provoca um efeito viciante no leitor, inquieto até descobrir o paradeiro de Janalice, a menina que esperava que aquele fosse um dia normal, de aula – envolvida em um escândalo provocado pelo namorado (que tornou públicas cenas de uma transa entre eles), ela é enviada para a casa dos tios onde, certo dia, é raptada na rua e transformada em escrava sexual.” (Brasil, 2015).

A partir desde pequeno parágrafo, registrado em uma entrevista com o autor, podemos ver o que nos espera ao ler o livro *Pssica*, trata-se de uma leitura cativante e instigante que nos remete ao contexto muitas vezes desconhecido que se vive no estado do Pará. Portanto, abuso e prostituição infantil, narcotráfico, tráfico humano, corrupção política e policial é quadro crônico de marginalização social apresentado no romance.

Quantas jovens estão ou já estiveram no lugar de Janalice? que, ao se deixarem viver seus amores são submetidas à divulgação de sua intimidade na internet, e não apenas isso, talvez seja esse apenas o estopim para o começo de todo um calvário, uma vida na qual, muitas vezes, os próprios pais ou parentes jogam essas meninas “na vida”, ou então pelo azar de estar no lugar errado, na hora errada, acabam se tornando vítimas de quadrilhas, as quais fazem elas perderem sua infância, juventude e às vezes, até mesmo a vida, servindo como escravas sexuais para ricos poderosos. Outras irão parar em bordéis de beira de estrada ou das estradas das águas, nossos rios, não importa onde, o que realmente importa é a vida que lhes é roubada e vendida para quem der o maior lance.

Janalice, assim como inúmeras meninas após irem parar nessa vida, teve sua alma roubada e foi entorpecida pelas drogas. Nesse cenário, muitas mulheres nunca retomam suas vidas, aquelas que não morrem nesse estado de prostituição são incapazes de se reerguerem seja pela vergonha ou pela falta de oportunidade. Mas qual a origem do título, tão paraense, do livro? “Pssica [...], expressão cujo sentido usado pela população paraense significa má-sorte, azar ou desejar agouro a uma outra pessoa.” (MOREIRA, 2018, p. 2016).

No livro, a famosa pssica apesar de ser citada apenas pelo personagem Zé do Boi “eu te roguei uma praga, Portuga. Uma Pssica pra vocês não serem felizes”, (AUGUSTO, 2015, p.46) e pelo personagem Preá, quando diz, “acabaram todos os sonhos. Jogaram Pssica em mim. Só pode ser” (AUGUSTO, 2015, p. 88), a pssica, de fato, permeia toda a trajetória dos personagens e não apenas a de Manoel Tourinhos, o “Portuga” ou a de Jonas de Lima, o Preá, mas também da menina Janalice, do ex-policia Amadeu e dos demais personagens secundários que formam o enredo desse romance. Todas as histórias vão se encontrando ao passo que a má sorte dos personagens vai aumentando, é como se todos tivessem sido vítimas de uma pssica.

Sem se afastar do gênero policial, Pssica (gíria que significa “maldição”) vasculha assuntos mais profundos, como a consequência do desespero, da maldade e do capricho da mente perversa dos criminosos. A técnica narrativa de Edyr consiste em uma descrição quase fotográfica do que está acontecendo entre os personagens, do contraste entre essa ação e o diálogo (cada um revelando ou sugerindo algo sobre o outro). “Meu texto é veloz para acompanhar o mundo de hoje em seus melhores e piores momentos”, afirma o autor. (BRASIL, 2015).

Como o próprio autor afirma em entrevista, há um motivo para a maneira como ele escreve suas histórias. Ela nos mostra como nosso mundo e nossa vida estão hoje, nada nunca para, tudo é rápido, veloz, fugaz e vivido sob extrema intensidade, tanto as coisas boas quanto as ruins, ao contrario da vida, temos as águas dos rios que escorrem lentamente seguindo seu curso.

c. Algumas aproximações entre A quadrilha de Jacó Patacho e Pssica

Como já se disse, o conto *A Quadrilha de Jacó Patacho* tem como marco de acontecimentos a Cabanagem, movimento que estava em alta no Pará naqueles anos. Na história os piratas percorriam sítios de portugueses ao longo dos rios roubando e destruindo suas propriedades, alguns mais violentos, matavam e estupravam os moradores dos sítios que saqueavam.

Em *Pssica* não existe uma revolução em curso, apenas a mesma terra sem lei, onde quadrilhas atacam não somente sítios a beira dos rios, mas também embarcações que trafegam pelos rios, roubando, matando, mutilando e estuprando. Além dos piratas das águas ainda temos as quadrilhas de tráfico humano que também trabalham em terra firme e utilizam o curso do rio para fazer seus negócios. Os autores dos livros escolhidos para análise possuem enormes diferença em termos de estilo e escola. Para além da distância de anos que os separam, a própria linguagem mudou de lá para cá, bem como certos “dizeres” da região.

Edyr Augusto escreve de maneira rápida, sem pausas e travessões para separar o diálogo de seus personagens. O autor vai entrelaçando as histórias de seus personagens de uma maneira que prende o leitor da primeira à última palavra. Vai mudando o foco de um personagem para outro sem deixar isso de maneira clara, e o leitor quase não percebe a mudança, como num filme acelerado, apenas, conforme vai lendo é que o leitor vai descobrindo de quem o autor está falando em dado momento.

Já Inglês de Sousa utiliza de todas as formas de pontuações possíveis em sua escrita. A história segue um enredo, uma mesma história e apenas um foco de personagens. A história segue seu curso e apenas no final mostra uma nova visão sobre o acontecimento. Mas o autor transporta o leitor de um canto a outro de maneira clara. É uma leitura fácil de ser compreendida, objetiva, sem as idas e vindas, cortes e descontinuações comuns na escrita do outro paraense, bem como em grande soma das obras romanescas contemporâneas.

Enquanto no conto *A quadrilha de Jacó Patacho* são utilizadas algumas variações linguísticas características da região em que se passa a história, a norma culta e popular da língua na época de sua escrita, percebe-se no decurso das linhas escritas certas palavras que hoje, em sua maioria, caíram em desuso e ainda muitas outras que os mais jovens podem nunca sequer ter ouvido falar, ou saber de fato o que significam. Já Edyr Augusto em seu romance *Pssica* utiliza também elementos linguísticos da região, mas estes vêm associados a palavras frequentes e a uma forma escrachada de falar, que mistura as falas do interior do estado com o modo de falar típico da periferia de Belém.

Quanto às histórias das duas personagens femininas dos livros, deve-se dizer que no conto *A Quadrilha de Jacó Patacho* se desnuda como foi o primeiro contato de uma família com a violência. Em *Pssica* se mostra como foi não apenas o primeiro contato da jovem Janalice, mas toda a trajetória e o sofrimento que ela passou até o final.

A jovem Janalice, ou Jane, do romance *Pssica*, tinha apenas catorze anos quando foi ridicularizada pelos colegas da escola, esnobada pelo namorado, espancada e expulsa de casa pelos pais. Por conta desses acontecimentos teve sua vida mudada radicalmente. Já na casa da tia, na qual foi morar após ter sua intimidade divulgada na internet pelo próprio namorado, ela era assediada e estuprada pelo namorado da tia, se envolveu com “más companhias”, usou drogas e acabou sendo negociada pela amiga em quem confiava. Assim, foi sequestrada e obrigada a se prostituir, apanhou de muitos de seus “donos”, foi estuprada, vendida, obrigada a usar drogas, a fazer aborto e por fim perdeu a consciência de quem ela era, sobrando apenas um corpo sem memórias e sem senso de realidade.

No conto de Inglês de Sousa a menina Anica é pura e não conhece a maldade dos homens pessoalmente, apenas pelo que ouvia dizer sobre os atos violentos da quadrilha que em uma das noites de sossego de sua família chegara em seu sítio. A menina é a primeira a se dar conta do que realmente estava acontecendo em sua casa. Antes de correr e conseguir avisar a família é pega de surpresa pelos braços do pirata que dormia em sua sala. Nesse momento, o conto deixa ao leitor uma imagem do que viria a ser o futuro dela, conhecendo a cruel realidade que se passava com todos aqueles que tinham seus sítios saqueados pelas quadrilhas das águas. No final do conto não temos uma imagem real do que acontece com a pobre Anica e sua mãe, apenas nos é dado a entender os tipos de tormento que as duas sofreram nas mãos da quadrilha. Acompanhando, ainda, Denise Simões Rodrigues, ao analisar o conto, se vislumbra que:

O desfecho da ação é de certo modo abrupto e previsível. O bandido é morto pelos irmãos de Anica, que por sua vez são trucidados pelo resto do bando que invadiu a propriedade e as mulheres se transformam em presentes oferecidos ao chefe maior – Jacó Patacho – e amargarão o destino trágico reservado às mulheres transformadas em butim de guerra. (RODRIGUES, 2013, p. 254)

Inglês de Souza nesse conto não relata em palavras o que realmente acontece com seus personagens, ele deixa a imaginação do leitor reagir aos pequenos detalhes que nos conta em suas histórias, deixando que assim formemos em nossa mente o cenário que ele apenas nos anuncia, não sem tragédia, “enquanto mãe e filha agarradas uma à outra se lamentavam desesperada e ruidosamente, o pai e os filhos caíam banhados em sangue” (SOUZA, 2005, p. 92).

Sousa não mostra a violência sexual em si, o grande acontecimento que cercava os moradores da casa, e quando se segue a história não é mais a versão da família de portugueses que vemos, e sim de alguém que estava passando pelo local dias após aquela noite fatídica, que mostra ao leitor como ele viu a casa que antes pertencera a Felix Salvaterra e sua família. Se

entende que a casa após o ataque da quadrilha estava abandonada, e nela havia apenas os corpos daqueles que tentaram defender a família.

Edyr Augusto utiliza as palavras de forma mais agressiva e dá detalhes do que acontece com os personagens, “pitico desfere um golpe e decepa a mão. Ela grita, se curva, tenta se jogar da rabeta [...] agora ele corta o pé. Ela grita [...] ele enfia o terçado no bucho da mulher, que já não se meche.” (Pssica, 2015, p. 14). É assim não apenas em algumas passagens do livro, isso se repete em todo o texto. O romance, que tem 92 páginas de história, começa e termina com uma linguagem muito ouvida pelos leitores paraenses, porém pouco retratadas em livros, algo do cotidiano, principalmente daqueles que pertencem a esse “mundo” que o livro retrata, pessoas simples e humildes, ribeirinhas e de favelas, ladrões e políticos corruptos.

As histórias além da distância de tempo entre elas também possuem a diferença entre seus próprios dias narrados, a história de *A Quadrilha de Jacó Patacho* se passa apenas em uma noite com um pequeno saltar de tempo que faz o enredo em suas últimas 20 linhas, mas a tragédia em si acontece apenas entre o cair da noite e a completa escuridão. Apenas uma noite, um lugar, e um centro de personagens, a menina Anica usa de suas lembranças de anos atrás para recordar quem realmente é o caboclo que está dormindo na sala de sua casa, mas a história, de fato, acontece apenas em uma fatídica noite. *Pssica* acontece no decorrer de muitos dias, meses e até anos em sua trajetória. Começa em um tempo e termina a anos de distância. Um fator que contribui para isso é a diferença entre conto e romance, onde o último oferece a possibilidade de contar a história de forma mais detalhada, enquanto o conto, em geral, deve ir direto ao ponto.

Portanto, ao pensar esses dois autores, dois tempos e duas obras, deve-se dizer que em *Pssica* as mulheres sofrem da mesma forma que no conto de Inglês de Souza, onde o autor deixa claro, nas últimas linhas, que o destino de Anica e sua mãe terminou por satisfazer aqueles homens:

A sora Maria dos Prazeres e a Anica haviam sido levadas pelos bandidos, depois do saque de sua casa. A Anica tocara em partilha a Jacob Patacho, e ainda no ano passado, a velha Ana, lavadeira de Santarém, contava, estremecendo de horror, os cruéis tormentos que sofrera em sua atribulada existência. (SOUZA, 2005, p. 93).

Portanto, há entre as duas histórias, por mais distantes no tempo que sejam, algo em comum que as liga, a violência. Tanto em 1892, ano em que foi lançado o conto *A Quadrilha de Jacó Patacho*, quanto na atualidade, os povos do Amazonas sofriram, e ainda sofrem, com

as quadrilhas dispostas a roubar e matar ao longo dos rios, dilacerando e abusando de suas vítimas. A ficção, nesse caso, se encontra com a realidade, basta atentar aos noticiários diariamente e se verá que os casos de violência, seja na cidade, no campo, nos rios e na floresta, só tem aumentado no Brasil.

Nesse sentido, Laboreiro, em artigo tratando sobre ódio e violência no cinema e na literatura, afirma que “De alguma forma, as obras tocam em um ponto em comum: apresentam o pior, ao mesmo tempo em que interrogam de onde parte a violência” (LABOREIRO et al, 2017, p. 3). Observa-se nas duas obras estudadas a mesma preocupação por parte de Inglês de Sousa e Edyr Augusto, ou seja, percebe-se que ambos estão, por meio de suas obras literárias, denunciando um problema social grave e que continua atual na vida do povo da Amazônia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora mais de um século separe o conto *A Quadrilha de Jacó Patacho* e o romance *Pssica*, os dois escritores tratam de um mesmo assunto, a violência que está presente no rio Amazonas e em seus arredores, mas não apenas nos rios, apesar de as águas terem recebido enfoque maior nas duas obras literárias. O enredo de *Pssica* trata da violência nas grandes cidades, como Belém e Caiena, e nas cidades que estão ligadas aos rios por onde os personagens passam, Edyr Augusto em sua narrativa trata tanto da violência de ladrões, como da violência e exploração sexual de menores, onde ambos os tipos de violência acontecem praticamente “demãos dadas”.

Inglês de Sousa e Edyr Augusto pertencem a duas escolas literárias diferentes, e ambos conseguem desenvolver com maestria o mesmo tema. Apesar de todas as diferenças que os separam, o tema escolhido e abordado por eles, e por inúmeros outros escritores, ainda segue recorrente na vida dos moradores ao longo dos rios e comunidades da região Amazônica, e dos cidadãos marginalizados das grandes cidades.

A Quadrilha de Jacó Patacho, que tem como marco histórico a época da cabanagem, é uma ficção, embora muito acercado do dito “mundo real”. As grandes tragédias e massacres que foram relatados nele tiveram como inspiração os sofrimentos que muitos moradores dessa região vivenciaram na pele no período da cabanagem, quando, assim como a família retratada no conto de Inglês de Souza, muitas famílias reais de portugueses e ribeirinhos foram brutalmente saqueadas e assassinadas. Não muito diferente do que ainda ocorre nos dias de hoje.

As leituras realizadas me proporcionaram conhecer mais sobre a literatura paraense, e o próprio estado em que vivo desde meu nascimento, o Pará. Pude conhecer dois grandes autores paraenses que expressam em suas histórias os próprios acontecimentos locais, trazendo para seus contos e romances a vida cotidiana dos ribeirinhos e das cidades em que as histórias acontecem.

Assim, pude conhecer e refletir, por meio das duas obras, mas também através das leituras pertinentes ao tema, o que de fato acontece nos arredores das cidades, das pequenas vilas e lugares distantes da grande capital, bem como nas cidades grandes como Belém e Caiena.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Edyr. *Pssica*. Belém: Boitempo, 2015.

BOSI, Alfredo. *Entre a literatura e a história*. São Paulo: Editora 34, 2013.

BRASIL, Ubiratan. Edyr Augusto prova que viver é perigoso no livro “Pssica”. O Estado de São Paulo, São Paulo, 25 de Agosto de 2015. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,-edyr-augusto-prova-que-viver-e-perigoso-no-livro-pssica,1749888>. Acesso em: 18 dez. 2018.

LABOREIRO, T. I. S. et al. *O ódio e a violência na literatura e no cinema*. Fortaleza: Extensão em Ação, v.1, nº13, 2-15, Jun, 2017.

MOREIRA, Alex; VERAS, M. L.; PEREIRA, C. L. *Pssica*, de edyr augusto: amazônia *laisse- faire* ou o retorno ao inferno verde?. In: CONGRESSO INTERNACIONAL, circulação, tramas & sentidos na literatura. Uberlândia: Anais. ABRALIC, 2018. p. 2106- 2120, 2018.

PICOLI, Fiorelo. *A violência e o poder de destruição do capital na Amazônia*. Florianópolis: Editora em debate, 2012.

RIBEIRO, Ana Claudia Dias. *Um olhar sobre a Amazônia na obra história de um pescador, de inglês de Sousa*. Porto Velho: Entremeios: revista de estudos do discurso. v.14, 67-74, jan- jun. 2017.

RODRIGUES, Denise Simões. *Heroísmo e vingança: a Amazônia revolucionária de Inglês de Sousa*. Caxias do Sul: Antares - Letras e Humanidades, vol.5, nº10, 246-262, jul-dez,2013.

SOUZA, Inglês de. *Contos Amazônicos*. São Paulo: Martin Claret, 2012.

